



**OJS**  
OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS

# REVISTA ENSINO DE GEOGRAFIA (RECIFE)

Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP)

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia>

**PKS**  
PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT

## MULTILETRAMENTOS, ENSINO DE GEOGRAFIA E LUGAR: APLICAÇÕES E POSSIBILIDADES

Pedro Leonardo Cezar Spode<sup>1</sup>  
Vanessa Nyland<sup>2</sup>  
Maurício Rizzatti<sup>3</sup>  
Natália Lampert Batista<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria, pedrospode@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0003-1232-4136>\*

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria, vanessanyland@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-6739-2729>\*\*

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria, geo.mauricio.rizzatti@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-1795-9002>\*\*\*

<sup>4</sup> Universidade Federal de Santa Maria, natalia.batista@ufsm.br, <http://orcid.org/0000-0002-1884-2340>\*\*\*\*

*Artigo recebido em 31/01/2022 e aceito em 23/07/2022*

### RESUMO

Pensar a tríade multiletramentos, lugar e ensino de Geografia é imprescindível as discussões do nosso tempo e ao entendimento de como as distintas formas de manifestações dos atores sociais e, entre eles, os alunos, intervêm na realidade. Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a temática da Pedagogia dos Multiletramentos, sua relação com a Geografia e com o ensino de Geografia. Metodologicamente, o texto tem uma abordagem qualitativa, com intuito de fomentar reflexões sobre a temática, por meio de uma revisão teórica e propositiva de possibilidades de intervenções pedagógicas no ensino de Geografia. Debateram-se, no artigo, os textos literários “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Rufatto, e “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, bem como as músicas “Triste Partida”, de Luiz Gonzaga, “Já Basta”, de Ponto do Equilíbrio, e “A (Re)existência do lugar”, de Renan Inquérito. Além disso, apresentou-se a contextualização do artista “V.W - O poeta da zona norte” para o estudo das características socioespaciais locais na cidade de Santa Maria/RS. O texto traz um esboço teórico-prático das múltiplas possibilidades de interpelação multiletramentos, lugar e ensino de Geografia e propõem-se como um preâmbulo a esse debate, ainda pouco aprofundado e com tantas possibilidades de articulação.

**Palavras-chave:** Literatura; música; Geografia Nova.

\* Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: pedrospode@gmail.com

\*\* Departamento de Letras Estrangeiras e Modernas, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: vanessanyland@gmail.com

\*\*\* Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: geo.mauricio.rizzatti@gmail.com

\*\*\*\* Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: natilbatista3@gmail.com

## **MULTILETTERS, TEACHING GEOGRAPHY AND PLACE: APPLICATIONS AND POSSIBILITIES**

### **ABSTRACT**

Thinking about the multiliteracies triad, place and teaching of Geography is essential to the discussions of our time and to the understanding of how the different forms of manifestations of social actors and, consequently, students intervene in reality. Thus, the objective of this work is to reflect on the theme of Multiliteracies Pedagogy, its relationship with Geography and with the teaching of Geography. Methodologically, the text has a qualitative approach, in order to encourage reflections on the subject, through a theoretical and propositional review of possibilities for pedagogical interventions in the teaching of Geography. The article debated the literary texts “Vidas Secas”, by Graciliano Ramos, “Eles eram muitos cavalos”, by Luiz Rufatto, and “O Cortiço”, by Aluísio de Azevedo, as well as the songs “Triste Partida” by Luiz Gonzaga, “Já Basta”, by Ponto do Equilíbrio, and “A (Re)existência do lugar”, by Renan Inquérito. In addition, the contextualization of the artist “V.W - O poeta da zona norte” was presented for the study of local socio-spatial characteristics in the city of Santa Maria/RS. The text presents a theoretical-practical outline of the multiple possibilities of questioning multiliteracies, place and teaching of Geography and proposes itself as a preamble to this debate, which is still poorly studied and with so many possibilities of articulation.

**Keywords:** Literature; music; Geography New.

## **MULTILETRAS, ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA Y LUGAR: APLICACIONES Y POSIBILIDADES**

### **RESUMEN**

Pensar en la tríada multialfabetización, lugar y enseñanza de la Geografía es fundamental para las discusiones de nuestro tiempo y para la comprensión de cómo las diferentes formas de manifestaciones de los actores sociales y, en consecuencia, los estudiantes intervienen en la realidad. Así, el objetivo de este trabajo es reflexionar sobre el tema de la Pedagogía de la Multialfabetización, su relación con la Geografía y con la enseñanza de la Geografía. Metodológicamente, el texto tiene un enfoque cualitativo, con el fin de incentivar la reflexión sobre el tema, a través de una revisión teórica y proposicional de posibilidades de intervenciones pedagógicas en la enseñanza de la Geografía. El artículo debatió los textos literarios “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Rufatto, y “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, así como las canciones “Triste Partida” de Luiz Gonzaga, “Já Basta”, de Ponto do Equilíbrio, y “A (Re)existência do lugar”, de Renan Inquérito. Además, se presentó la contextualización del artista “V.W - O poeta da zona norte” para el estudio de las características socioespaciales locales en la ciudad de Santa María / RS. El texto presenta un esbozo teórico-práctico de las múltiples posibilidades de cuestionar la multialfabetización, el lugar y la enseñanza de la Geografía y se propone como preámbulo de este debate, aún poco estudiado y con tantas posibilidades de articulación.

**Palabras clave:** Literatura; música; Geografía Nueva.

### **1. Introdução**

As múltiplas linguagens e os multiletramentos são centrais ao estudo e a compreensão da sociedade contemporânea, pois permitem que se possa aprofundar os olhares para elementos, por vezes, negligenciados no espaço escolar. Olhar para os elementos culturais do cotidiano e relacioná-los com o que efetivamente acontece no espaço geográfico e na vida dos estudantes diversifica o entendimento sobre

os espaços vividos em suas dialéticas local-global. Partindo dessas premissas, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a temática da Pedagogia dos Multiletramentos, sua relação com a Geografia e, em especial, com o ensino de Geografia, à exemplo de alguns autores, que já vêm discutindo estes temas há alguns anos. Dentre esses autores, pode-se citar os trabalhos de Gracioli (2017), Batista, Becker e Cassol (2018), Batista (2019) e outros.

O conceito de multiletramentos, cabe ressaltar, enfatiza a multiplicidade de linguagens e a multiplicidade cultural (ROJO; MOURA, 2012), visando empreender a multimodalidade, isto é, as múltiplas linguagens existentes no entendimento do mundo e, utilizar este conhecimento para prática social. Ou seja, os multiletramentos evidenciam uma forma de ver o mundo pela matriz pedagógica, buscando entender a sociedade em suas múltiplas formas de manifestação.

Desse modo, são tratados três principais temas neste trabalho: (1) a discussão a respeito dos multiletramentos e sua relação com a Geografia e com o ensino de Geografia; (2) as possibilidades de aplicação dos multiletramentos dentro da Geografia escolar, com enfoque em exemplos relacionados à linguagem literária e musical; (3) o conceito de lugar e suas potencialidades em relação ao ensino de Geografia e aos multiletramentos, apresentando um exemplo prático do gênero Rap aplicado à realidade socioespacial da zona norte da cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. Metodologicamente, o texto tem uma abordagem qualitativa, com intuito de fomentar reflexões sobre tão relevante temática, por meio de uma revisão teórica e propositiva de possibilidades de intervenções pedagógicas no ensino de Geografia em diferentes níveis e modalidades de ensino. A proposta e debates expostos no texto foram apresentados na disciplina “Geografia, Multimodalidade e Multiletramentos”, ofertada no 2º Semestre de 2021 aos cursos de graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Porém, no texto, optou-se em realizar o a discussão em formato de um ensaio teórico-prático a respeito da tríade multiletramentos, lugar e ensino de Geografia.

## **2. Multiletramentos e Geografia**

Em primeiro lugar, devemos pensar que a forma como se dão as linguagens são alteradas de acordo com os ambientes de interação, isto é, todas as pessoas agem de maneira diferente de acordo com os espaços/tempo que estão ocupando em determinado momento. A nossa forma de agir nas redes sociais é diferente da forma como agimos em uma reunião familiar, ou em um evento acadêmico, ou em uma conversa com amigos, para usar apenas alguns exemplos de espaços/tempo possíveis, que definem as

diferentes formas de nos expressarmos socialmente, e isso está diretamente relacionado ao uso que fazemos da linguagem e de seus marcadores.

No contexto pedagógico, Magda Soares (1998), uma importante linguista e educadora brasileira, destaca que ser letrado é fazer o uso adequado da leitura e da escrita, para cada situação, implicando em um uso social do processo de alfabetização, não se restringindo apenas ao saber ler e escrever (decodificação de códigos). Como aborda Soares (1998), alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, pelo contrário, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.

Embora Soares (1998) esteja se referindo ao letramento, torna-se possível relacionar com o conceito de multiletramentos, que envolve a alfabetização e os letramentos articulados com a multimodalidade, a saber, emprego de múltiplas linguagens e de novas tecnologias da informação e comunicação como prática social para leitura do mundo. Não é possível pensar em multiletramentos e múltiplas linguagens, sem pensar que o conhecimento é empregado para resolver qualquer situação, das mais comuns do cotidiano, ao entendimento dos fenômenos mais complexos, ou ainda, os conteúdos das diferentes disciplinas escolares.

Desse modo, a pedagogia dos multiletramentos é um conceito (pedagogia ou filosofia) formulada por um grupo de pesquisadores intitulados Grupo de Nova Londres (*New London Group*), na metade dos anos de 1990 e, trazido ou aplicado no Brasil, principalmente por pesquisadores e professores ligados à áreas das Letras e das Linguagens, como é o caso de Roxane Rojo (2012). É claro que letramento e multiletramentos são propostas diferentes, porém complementares. Para Rojo e Moura (2012), diferente de letramentos (múltiplos), os multiletramentos trazem uma multiplicidade cultural e semiótica na constituição dos textos e não apenas um conjunto de variedades de práticas letradas. Ou seja, é entender que a linguagem evolui em conjunto com a sociedade, portanto, carrega um conjunto de valores sociais e culturais e, tratando do campo da Geografia, ela carrega um conteúdo socioespacial. É a escrita e a leitura como prática social, atendendo as especificidades dos determinados contextos sociais e socioespaciais, envolvendo a utilização de múltiplas linguagens, podendo elas se darem de maneira visual, musical, escrita, pelas mídias sociais, entre os mais variados exemplos de linguagens existentes no período atual, que é caracterizado por Milton Santos (1996) como período técnico-científico e informacional.

Portanto, se a linguagem não é neutra e evolui junto com a sociedade, que está em constante movimento, cabe a nós, como (futuros) professores de Geografia, compreender as diferentes formas de linguagens que circulam socialmente e utilizar estas linguagens para o entendimento do espaço geográfico como espaço social (SANTOS, 1978) e, sobretudo, objeto de estudo da Geografia. Além do mais, no

mundo do presente, na era da globalização capitalista, as mudanças sociais e tecnológicas impõem a necessidade de operacionalização de múltiplos recursos e representações (semioses), que estão envolvidas no processo de constituição da sociedade contemporânea.

É nesse sentido que o ensino de Geografia deve estar conectado com estas transformações nas relações sociais, impostas pela globalização, utilizando-se de todos os recursos possíveis que auxiliem na identificação e no entendimento das dinâmicas do mundo atual. E é por essa razão, sendo a Geografia uma ciência dos movimentos (SOUZA et al 2020), que os multiletramentos podem contribuir, de maneira significativa, com os alunos e profissionais, enquanto estudantes e pesquisadores da Geografia, sobressaindo a compreensão dos conceitos e categorias centrais da Geografia.

Com base nisso, devemos pensar que o espaço geográfico é um indissociável sistema de objetos e de ações, como assim definiu Santos (1996), objetos estes cada vez mais tecnificados, considerando que é no espaço geográfico em que é reproduzido o meio técnico-científico e informacional. Além disso, é mister lembrar que em um mundo marcado pela globalização, cujos territórios são alterados de maneira acelerada, o professor de Geografia e, a Geografia no geral, devem estar preparados para as transformações que a sociedade vem enfrentando nas últimas décadas.

Nesse sentido, destacamos que:

[...] para discutir multiletramentos no contexto da Geografia se necessita abordar uma sociedade fluída. Uma sociedade desterritorializada. Uma sociedade que vive o local e o global ao mesmo tempo (BATISTA; BECKER; CASSOL, 2018, p. 24).

Os mesmos autores ainda relatam:

Dessa forma, os multiletramentos são a manifestação educacional da fluidez da sociedade contemporânea, porém com uma característica clara de retomar o pensamento complexo e crítico sobre o espaço, o tempo, a sociedade e a natureza, contribuindo com a formação cidadã dos estudantes (BATISTA; BECKER; CASSOL, 2019, p. 5).

Portanto, como mencionam os autores, os multiletramentos têm como característica primordial, dentro do ensino de Geografia, analisar criticamente o espaço geográfico, que integra de maneira dialética as dimensões da natureza e da sociedade, evitando a sua redutibilidade e fragmentação, como frequentemente vem ocorrendo dentro da Geografia como ciência. São diversos os exemplos da fragmentação, como a separação dos campos da Geografia física e humana, a fragmentação da Geografia em diversos campos temáticos de pesquisa, como a Geografia urbana, Geografia agrária, Geografia econômica, Geografia da população, Geografia dos solos e as infinitas nomenclaturas dadas para os diferentes campos de investigação do espaço geográfico.

Por último, nesta seção, mas não menos importante, devemos destacar a respeito da importância fundamental do conceito de lugar, dentro do quadro teórico e conceitual da Geografia e a sua possibilidade de intersecção com o ensino de Geografia e com a Pedagogia dos Multiletramentos. O lugar, como coloca Santos (2014), é o local do acontecer solidário, homólogo ou complementar, “[...] o lugar é esse *espaço banal* da geografia [...]”. Na terceira parte deste trabalho será explorado um pouco mais a questão do lugar e do ensino de Geografia.

### **3. Algumas possibilidades de aplicação dos multiletramentos no ensino de Geografia**

Como podem ser aplicados os multiletramentos no ensino de Geografia? Talvez, em um primeiro momento, nos venha na cabeça que apenas o uso das tecnologias digitais satisfaça essa necessidade. No entanto, os multiletramentos não implicam, necessariamente, no uso de tecnologia digital, contudo, não podemos negar a importância das tecnologias digitais na sociedade moderna, como promotoras da inclusão e essenciais para a plena cidadania dos indivíduos. Nesse sentido, foram abordadas como possibilidades de recursos a linguagem literária e musical. A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que se refere à Geografia, aborda sobre a importância da utilização dos mais diversos campos do saber para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, incluindo as linguagens artísticas. “O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciência, Arte, Literatura)” (BRASIL, 2018, p. 357).

Uma primeira possibilidade de abordagem, dentro do campo da literatura, é a clássica obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, datada de 1938, na qual o autor traz uma descrição minuciosa dos fenômenos ocorridos no sertão nordestino nas primeiras décadas do século XX, marcado pela aridez do ambiente natural e pelas desigualdades socioespaciais, cuja problemática assola a região ainda nos tempos atuais. São inúmeras as passagens em que o autor, ao relatar a história vivida por Fabiano e sua família, retirantes do sertão nordestino, nos revela sobre as condições socioespaciais da região nordeste do país, trazendo à tona temas relevantes para o ensino de Geografia e da Geografia regional, como também as condições ambientais e do clima, que retratam a realidade do espaço geográfico da região nordeste do Brasil, ainda marcado pelas desigualdades socioespaciais e pela exploração, de todas as ordens, seja dos recursos naturais ou dos humanos. As primeiras linhas do texto já nos revelam muito bem a Geografia contida na obra literária de Graciliano Ramos, destacando aspectos das condições sociais dos personagens,

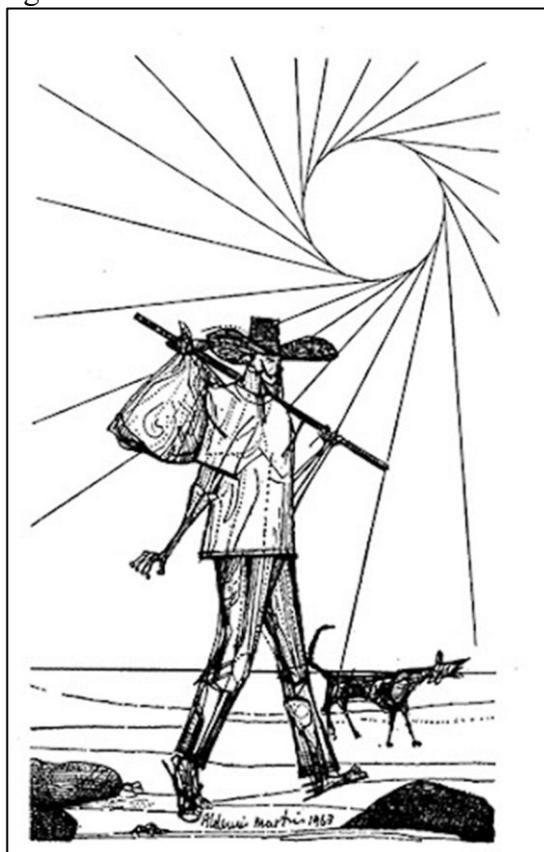
como também, descrevendo de maneira muito fiel a paisagem do bioma Caatinga, como podemos observar a seguir:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala [...] (RAMOS, 1998, p. 9).

Não somente a história retratada por Ramos (1998), mas também as imagens contidas ao longo da obra, são representações que permitem aos alunos a identificação dos conteúdos de Geografia, sobretudo aqueles ligados a realidade dos grupos sociais do sertão árido, cuja expressão se revela aos nossos olhos na paisagem sertaneja, nos trajes do migrante nordestino, no sol escaldante, juntamente com a vegetação rasteira da Caatinga, adaptada a aridez do solo e a escassez de chuva.

Além disso, a obra de Graciliano Ramos foi tornada filme pelo diretor Nelson Pereira dos Santos, disponível em algumas plataformas online de vídeos, como o Youtube, tornando-se mais uma possibilidade, dentro do contexto dos multiletramentos, complementando a história escrita e as ilustrações.

**Figura 1** – Imagem contida na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.



Fonte: Ramos (1998).

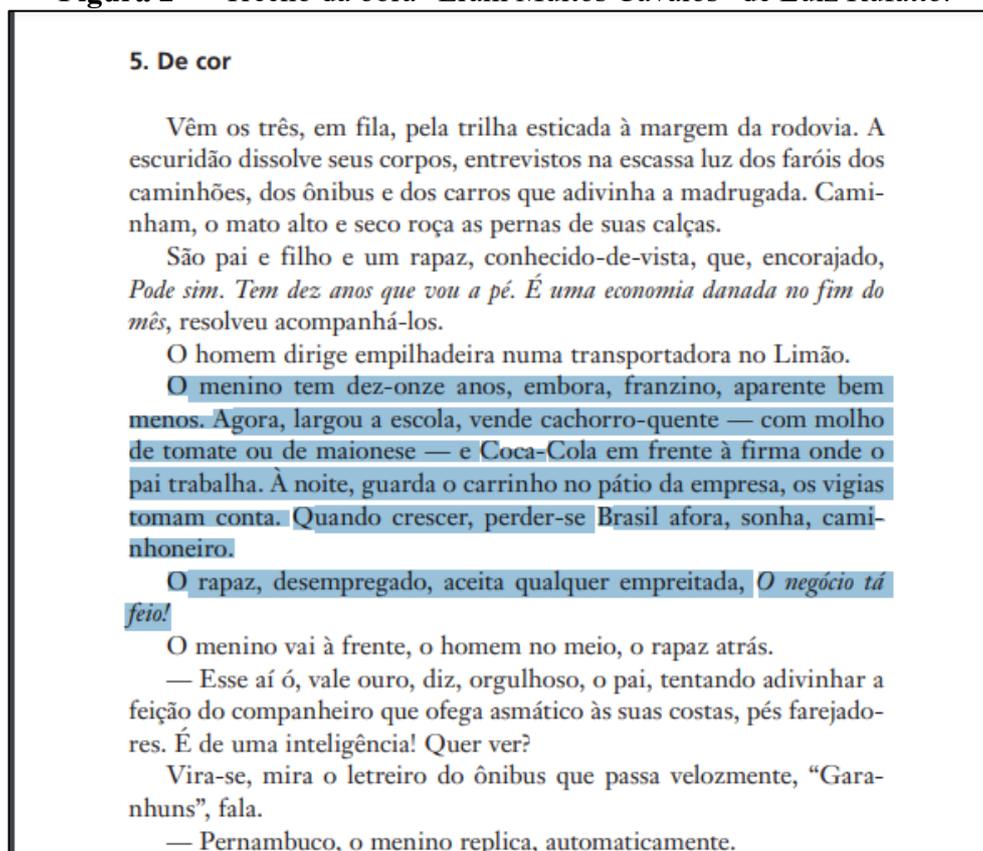
Ainda no campo literário, podemos destacar também a obra de Luiz Rufatto (2001), cujos temas de seus livros vêm representando a realidade atual das grandes cidades brasileiras. Na obra chamada “Eles eram muitos cavalos”, de 2001, através de uma literatura realista, traz uma discussão a respeito dos problemas enfrentados pelos diversos atores sociais que compõem o cotidiano de uma grande metrópole, no caso São Paulo.

A estruturação da obra de Rufatto (2001) é organizada de maneira fragmentada, o que sugere, de certa maneira, a própria fragmentação urbana, com inúmeras sobreposições de espaços/tempos, interagindo em diversos níveis e escalas na cidade. Isso nos leva a pensar nas conceituações da Geografia para a cidade e o urbano, como é o caso da clássica definição de Roberto Lobato Corrêa (1995), para o qual, o espaço urbano é um conjunto de usos da terra justapostos entre si, ou ainda Milton Santos (1992), que nos ensina que a cidade é o concreto, a materialidade visível, enquanto o urbano é abstrato, porém é o urbano o que dá sentido à cidade (SANTOS, 1992).

De acordo com Silva (2009), Luiz Rufatto expressa uma totalidade fragmentada, como um retrato de São Paulo, dentre os setenta fragmentos que compõem a narrativa, “[...] estilhaçados no emaranhado de relatos que formam a paisagem da metrópole. Uma cidade dentro de várias cidades, uma cidade em camadas vista pelo olhar de um imigrante como o próprio escritor”. Dessa maneira, a literatura realista e fragmentada, apresentada em “Eles eram muitos cavalos”, torna-se uma possibilidade de integração interdisciplinar, entre a Literatura e a Geografia, considerando que para plena execução das diferentes linguagens, que a obra literária oferece, os alunos necessitam ser minimamente letrados nos temas que envolvem a literatura e em especial a literatura brasileira.

Na figura 2 apresenta-se o fragmento de número 5 do livro de Rufatto, em que é possível identificar as desigualdades socioespaciais urbanas do período recente, sendo expressas pela precariedade do acesso à educação, como um processo histórico e geográfico brasileiro que priva as classes mais baixas da alfabetização, tampouco do letramento.

Figura 2 – Trecho da obra “Eram Muitos Cavalos” de Luiz Rufatto.



Fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/87031.pdf>. Acesso em: 21 de dez. 2021.

Um terceiro exemplo a ser exposto, no que se refere a literatura, porém, com um enfoque na Geografia histórica do Rio de Janeiro, é o romance “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, publicada em 1890. O conteúdo da obra “O Cortiço” tem como contexto histórico e geográfico o bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro, em um complexo de moradias próprias do final do século XIX e início do século XX, lugar onde grande parte da história se desenvolve. Além da formação histórica dos loteamentos populares do Rio de Janeiro, traz a gênese de processos caros a Geografia, como o de expansão da mancha urbana, de ocupação das periferias, da valorização do solo urbano e da especulação imobiliária, como pode ser visualizado no trecho a seguir:

Hoje quatro braças de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores (AZEVEDO, 1997, p. 3).

O processo de urbanização brasileiro, ainda ocorrendo de maneira desigual em fins do século XIX (um grande arquipélago como relatou Milton Santos em muitas de suas obras), é abordado em diversas passagens da obra de Aluísio de Azevedo, sobretudo nas áreas periféricas do Rio de Janeiro, muitos destes vindo a formar as imensas e precárias favelas da cidade. É importante mencionar que o Rio de Janeiro, no

período atual, possui um enorme complexo de favelas, originado a partir do processo desordenado de ocupação urbana na cidade, que relegou aos mais pobres os piores locais, no que Santos (2006) chama de seletividades socioespaciais.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco (AZEVEDO, 1997, p. 13).

Ainda no campo das artes, a linguagem musical é também um recurso que contribui para a construção significativa de conhecimentos a respeito de um determinado fenômeno, seja através da letra, ritmo, dos videoclipes, ou ainda, por meio da análise das capas dos discos. Uma infinidade de gêneros musicais pode ser utilizada, como a Música Popular Brasileira (MPB), com todo o movimento político e cultural a ela envolvido, ou ainda, o *Blues* Norte-Americano, cujas raízes estão ligadas ao lamento dos escravos negros, em exaustivas jornadas de trabalho, especialmente nas plantações de algodão do sul dos Estados Unidos.

Desse modo, demonstraram-se três possibilidades de utilização de letras de músicas, que permitem ao aluno a compreensão da Geografia do Brasil, desde os processos envoltos na formação socioespacial do país, ao pensamento crítico a respeito do Brasil do presente. A primeira música trata-se de “Triste Partida<sup>1</sup>”, interpretada pelo artista Pernambucano Luiz Gonzaga, com letra de autoria do poeta e repentista Patativa do Assaré.

A letra da música narra a saga de uma família do sertão nordestino que em meio à pobreza, à exploração, à fome e à seca, decide migrar para São Paulo em um caminhão pau-de-arara, meio de transporte irregular, muito usado no nordeste no contexto das migrações nordeste-sudeste. A poesia de Assaré, musicada por Luiz Gonzaga, descreve a Geografia do sertão nordestino em meados do século XX, trazendo elementos físicos, sociais e culturais, além de aspectos relacionados ao regionalismo e do lugar.

“[...] *Assim fala o pobre, do seco nordeste, com medo da peste, da fome feroz [...]*”, relata a poesia cantada por Luiz Gonzaga, cujo mote principal está na denúncia das condições socioespaciais da população nordestina, cujas privações vão desde a falta de moradia, ao próprio acesso ao território. Como relatou Josué de Castro em sua obra seminal “A Geografia da Fome”, ainda na década de 1940, a fome no sertão nordestino é epidêmica, agravadas pelas secas cíclicas, em conjunção com a formação social do nordeste do Brasil, baseada na exploração das classes mais baixas.

Oliveira e Melo (2013) utilizaram a poesia de Assaré, bem como a interpretação de Luiz Gonzaga para “Triste Partida”, nas aulas de Geografia para o ensino médio, explorando a leitura, interpretação e

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8n2bIOESPRQ>. Acesso em 22 de dez. 2021.

audição dos alunos, bem como as possibilidades de relação com os conteúdos geográficos. Estes autores nos mostram a utilização dos multiletramentos para o ensino de conceitos, categorias e fenômenos geográficos, especialmente aqueles ligados ao nordeste do Brasil, por meio da poesia e da música *Triste Partida*, permitindo, ao aluno, “[...] colocar em prática sua capacidade de percepção e assimilação do assunto, auxiliando o trabalho docente e a aprendizagem do conteúdo” (OLIVEIRA e MELO, 2013, p. 7).

A segunda possibilidade, em termos de música, chama-se “*Já Basta*<sup>2</sup>”, do grupo *Ponto de Equilíbrio*, lançada em 2018. Nesse caso, além da letra da música, também é possível ser explorado o recurso do videoclipe, cuja combinação audiovisual da música em si, poderá auxiliar na reflexão dos temas representados. O tema da música aborda os principais problemas políticos e sociais do Brasil atual, como o surgimento de movimentos antidemocráticos, a polarização política, as revoltas civis e a crise estrutural que o país atravessa nos últimos anos. O videoclipe retrata todos estes dilemas do Brasil atual, em um cenário de incertezas acerca da realidade do presente, porém, ao mesmo tempo, trazendo a esperança de um futuro diferente para o país. Isso se relaciona fortemente com a Geografia proposta por Santos (2006), para o qual no lugar conhecemos nosso mundo como ele já é, mas também pelo que ele ainda não é, fazendo, dessa forma, o futuro, mais do que o passado, tornar-se uma ancora para a humanidade.

O uso das linguagens musical, visual e da escrita (letra/legenda), torna-se uma possibilidade em termos de multiletramentos, contribuindo para a reflexão crítica dos alunos, sobretudo em disciplinas das ciências humanas, como Geografia, Sociologia, Filosofia e História, acerca dos fenômenos sociais do Brasil contemporâneo. Dentro da perspectiva dos multiletramentos, o videoclipe é uma alternativa multimodal, na definição de alguns autores como Rojo (2012). Para Rojo (2012), a multimodalidade não é apenas a soma de linguagens, mas a interação entre linguagens diferentes em um mesmo texto.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FIKfdH9RN\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=FIKfdH9RN_g). Acesso em 22 de dez. 2021.

**Figura 3** – Trecho do videoclipe “Já Basta” do Grupo Ponto de Equilíbrio.



Fonte: [Ponto de Equilíbrio - Já Basta - part. André Sampaio \(Clípe Oficial\)](#). Acesso em 22 de dez. 2021.

A última música selecionada é endereçada ao público de estudantes de Graduação em Geografia, licenciatura ou bacharelado, para auxiliar no conhecimento da teoria do espaço, formulada por Milton Santos, identificando os conceitos e categorias elaborados por este geógrafo, especialmente, no que se refere ao lugar. Esta música foi apresentada na 20ª edição da Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto (FIL), em agosto de 2021, pelo rapper Renan Inquérito, como uma homenagem a Santos, que no ano de 2021 completou 20 anos de falecimento.

A letra da música narra a teoria espacial de Milton Santos, trazendo conceitos como espaço, território e lugar, como também, teorizações importantes da obra miltoniana, como os circuitos da economia urbana, desenvolvidos na obra “O Espaço Dividido”, de 1979, e os tempos rápidos e os tempos lentos, contidos, principalmente, em “A Natureza do Espaço” de 1996. Desse modo, a música/homenagem, em forma de rap, é uma contribuição importante para estudantes de Geografia entrarem em contato com o referencial teórico de Milton Santos, especialmente, no que se refere à compreensão do espaço geográfico, como uma totalidade sempre em movimento (dinâmicas do espaço), isto é, o espaço visto como “*uma acumulação desigual de tempos*”, como reproduz Renan Inquérito acerca de uma das célebres frases do autor.

A música, como um recurso que oferece múltiplas formas de linguagens, é uma ferramenta potente de reivindicação de pautas e ideias, além de ser uma maneira dos grupos sociais expressarem os seus “lugares” de vida. Alguns gêneros, como o rap tem o poder de dar voz aos grupos sociais excluídos, os

habitantes do circuito inferior da economia urbana, pois, como afirmou Santos, são os de baixo, “[...] o rapaz pobre da periferia que inventa uma música revolucionária que explica o seu mundo” (Trecho narrado no clipe de Renan Inquérito). De acordo com Milton Santos estes são os sujeitos que carregam a possibilidade de alteração do rumo da história. Por essa razão, o nome da composição é intitulado “A (Re)existência do lugar<sup>3</sup>”, revelando a centralidade do lugar dentro da Geografia de Milton Santos e a necessidade de articulação desta extraordinária categoria social com o ensino de Geografia. É com relação a esta interação o que iremos tratar no próximo item deste trabalho.

#### 4. Lugar, ensino de geografia e multiletramentos

Muitos estudos vêm tentando realizar uma aproximação entre o conceito de lugar e o ensino de Geografia, em suas inúmeras matrizes teóricas e filosóficas. Em nosso caso, não nos referimos à definição de lugar dos geógrafos da fenomenologia, como Yi-Fu-Tuan e muitos outros importantes geógrafos, inclusive brasileiros (como Werther Holzer, Zeni Rosenthal, Fausto Gil Filho), mas a teorização ligada a Geografia Nova elaborada por Milton Santos e outros autores, como Maria Adélia de Souza, Ana Clara Torres Ribeiro, Samira Peduti Kahil, Ana Fani Carlos e muitos outros.

Para Santos (2014), o lugar é uma razão local e uma razão global, proporcionado pelas redes, e mais do que isso, o lugar deve ser visto como “globalmente ativo”, sendo nele que as solidariedades orgânicas, nos termos de Durkheim, ocorrem. Trata-se de um processo dialético em que o lugar se defronta com o mundo, mas também o confronta, pois a ordem global busca impor a todos os lugares uma única racionalidade, enquanto os lugares respondem ao mundo de acordo com os diversos modos de sua própria racionalidade (SANTOS, 2014).

Segundo o referido autor:

O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse no contato com o lugar. Por isso falam na imprevisibilidade do evento, a que Ricoeur chama de autonomia, a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos. É esse o grande papel do lugar na produção da história, e apontá-lo é a grande tarefa dos geógrafos neste fim de século (SANTOS, 2014 p. 163).

Portanto, o lugar é o *espaço banal*, ou seja, espaço de todos os homens, onde as ações se realizam em sua cotidianidade. O lugar é a “razão e a emoção”, do qual Santos (20006) se refere no subtítulo de sua obra “A Natureza do Espaço”, pois nele se reproduzem os processos subjetivos inerentes às ações

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UgMA-IlbRdo>. Acesso em 22 de dez. 2021.

humanas, e, ao mesmo tempo, a materialidade do espaço geográfico. Além disso, e exatamente por estas características citadas, é que o lugar carrega uma importância fundamental dentro do processo de constituição do mundo do presente: a possibilidade de alteração da ordem hegemônica (possibilidade do período popular da história) (SANTOS, 2000).

Desse modo, considerando a centralidade do lugar como uma possibilidade para os homens pobres e lentos, como relatou Milton Santos em *Por uma outra globalização*, as intervenções artísticas tornam-se um instrumento de denúncia das condições sociais dos habitantes das periferias urbanas. Como argumenta Kahil (2021, p. 53), “[...] aí, no cotidiano dos lugares que se revelam as já muitas manifestações de insatisfações e desconforto com a realidade seletiva e com a rigidez das normas férreas, exclusivas da racionalidade econômica e política da globalização ora em curso”.

Sendo o lugar este local das práticas cotidianas, da unidade e da diversidade, o ensino de Geografia assume como um campo fértil para esta abordagem, pois permite que o aluno reflita sobre os temas que abrangem a totalidade do mundo, em relação ao seu espaço de vida. O lugar expressa a racionalidade do território onde os alunos habitam, mas também, ele demonstra uma razão exterior (vertical), ligada com a realidade do mundo atual, marcada pela difusão desigual da técnica e pela globalização. No lugar as horizontalidades são mais expressivas, mesmo com a penetração de ordens distantes (verticalidades).

É nesse sentido que os multiletramentos, como uma pedagogia criadora de significados (prática social), estabelece uma conexão com a noção do lugar, como aquele desenvolvido na Geografia Nova, conforme abordado anteriormente. Os multiletramentos, a partir do reconhecimento e utilização das diversas linguagens existentes no mundo atual, cujo meio técnico-científico e informacional, - e a globalização, são a marca maior, são uma possibilidade de refletir os processos geográficos ocorridos no espaço em relação a realidade socioespacial dos sujeitos, em seus múltiplos espaços/tempo possíveis.

A diversidade socioespacial existente nos centros urbanos se manifesta através de diferentes linguagens. Maria Adélia de Souza (1997) expõe que a cidade é local da coexistência e da liberdade e, ao mesmo tempo, é o local da acumulação técnica, lugar da vigilância, da identificação das redes, da exclusão e de tantos outros elementos que constituem a geografia desigual da existência na cidade. É nesse sentido que as intervenções artísticas, como o movimento Hip Hop, especialmente a música Rap, são formas de linguagem contra hegemônicas, que expressam distintas realidades socioespaciais urbanas. Segundo Santos (1993), “[...] as cidades abrigam ao mesmo tempo uma cultura de massas e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem, num jogo dialético sem-fim” (SANTOS, 1993, p. 66).

Com base nessa linha de pensamento, e pensando na realidade territorial de Santa Maria, cidade média de relevância regional dentro do estado do Rio Grande do Sul, traz-se um exemplo de intervenção artística, que por meio da linguagem musical do Rap, servindo-se dos recursos técnicos e informacionais das redes sociais, retrata o meio geográfico em que vive, isto é, a zona norte da cidade. O artista, autodenominado “V.W - O poeta da zona norte”, como o próprio nome sugere, aborda em suas letras temas ligados à realidade socioespacial da região norte de Santa Maria, marcada por todos os processos excludentes comuns nas periferias brasileiras.

O artista mantém uma conta na rede social *Facebook* e um canal na plataforma *Youtube*, os quais são utilizados como instrumentos técnicos, ferramentas inerentes a este período da história, da introdução massiva da tecnologia da informação (técnica, ciência e informação), nos quais ele publica suas músicas, como pode ser observado na Figura 4. Em sua página no *Facebook*, é possível observar a indicação ao local chamado “Campestre City”, referência ao bairro Campestre do Menino Deus, na porção norte da cidade, com o neologismo *city*, remetendo-se ao bairro como uma “cidade no interior do urbano”, uma fração do espaço concebida coletivamente como lugar, o espaço do acontecer solidário (SANTOS, 2006).

**Figura 4** – Página do artista V. W -Poeta da zona norte, na rede social Facebook.



Fonte: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100058561723950&sk=about>>. Acesso em 20 de nov. 2021.

A seguir, tratamos de alguns trechos de duas músicas divulgadas pelo artista em sua página do *Facebook* e na plataforma *Youtube*. Em um primeiro trecho, podemos identificar os processos históricos

e socioespaciais que condicionam, em grande medida no Brasil, os jovens das periferias para a criminalidade. Os dados do Atlas da Violência no Brasil<sup>4</sup> podem nos indicar claramente este processo, quando apresenta dados que demonstram uma maior mortalidade de jovens, negros e moradores das periferias brasileiras. Esta realidade é exposta na letra da canção, em trechos em que o autor relata: “*Mano me bateu uma saudade da minha quebrada, Saudades eu tenho de todos os irmãos, e o tempo que eu andava de bike rebaixada, cada molecadinha tinha essa emoção, o futebol me tirou da vida errada*” [...].

Além disso, as desigualdades socioespaciais, que são as produtoras da violência nos territórios, também são examinadas no primeiro verso da música intitulada Zona Norte: “*Bem-vindo à zona norte, carrega a sua própria posse, uns preferem a caneta, outros preferem a Glock*” [...].

A materialidade do lugar está refletida no conteúdo das músicas, expressa através das formas materiais, sejam as ruas, as vilas, os becos e as quebradas, destacadas pelo artista em trechos como: “*Na Garibaldi eles não me conhecem mais pelo nome, porque entre becos eu honrei o microfone* [...]”, “*Subi na vila com meu mano Wezz fazendo uma improvisação, criando verdades que trazem apenas um refrão* [...]”, “*Mais um moleque do outro lado, mandando um salve para a Canário* [...]”, “*Não dava valor para os moleques da Gariba* [...]”.

Em todos os trechos destacados, são realizadas referências a unidades residenciais pertencentes à região norte de Santa Maria, como Garibaldi ou Gariba, referente à rua Anita Garibaldi, localizada no bairro Itararé, próximo Estação Ferroviária, ou ainda à vila Canário, também localizada no bairro Itararé.

Dentro dessa linha de pensamento, Maria Adélia de Souza (2021, p. 104-105) argumenta sobre o lugar da seguinte forma:

É nessa perspectiva que o lugar emerge também como uma categoria social de análise porque, sendo um “espaço do acontecer solidário”, tal como o espaço geográfico ele é abstrato, mas depende da forma –do meu ponto de vista indispensável para as viradas civilizatórias que parece requerer o tempo presente –, pois nelas ele – o lugar – se constitui. Exemplifico: sendo um acontecer solidário, ele é eminentemente coletivo e social, abrigado por uma forma: a residência (habitação), o imóvel, a praça, a rua, a sala de uma diretoria de empresa, o “chão da fábrica” onde a produção se dá... Enfim, o lugar é o espaço da constituição da política, da paixão, da emoção pura – das solidariedades orgânicas, organizacionais e institucionais, e também dos acontecimentos homólogos, complementares e hierárquicos -na sua forma mais pura, a da realização do interesse coletivo, sejam eles expressos por pactos individualizados, coletivos, públicos ou privados, independentemente dos seus resultados, os quais, pelo movimento da História, se tornam políticos (SOUZA, 2021, p. 104-105).

<sup>4</sup>O Atlas da Violência foi produzido pelo Instituto de Economia Aplicada (IPEA), e lançado no ano de 2021. Pode ser encontrado no site: < <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>>.

<sup>5</sup>Pistola de origem austríaca, muito usada pelo crime organizado.

A porção norte de Santa Maria, cabe destacar, tem sua formação socioespacial ligada ao período ferroviário, iniciado na segunda metade do século XIX no município e, conjuntamente com outras atividades, impulsionaram o crescimento econômico, a urbanização, entre outros processos, até meados da metade do século XX na cidade. Desse modo, a porção norte da área urbana, junto aos morros da Serra Geral, recebeu aparato ferroviário, como a estação ferroviária, estrada de ferro, oficinas e galpões, além da produção de loteamentos populares para abrigar os trabalhadores do ramo, como a vila Kennedy, vila Salgado Filho, vila Itararé.

Portanto, há todo um processo histórico e geográfico que deu vida ao território da zona norte de Santa Maria, durante longo período, produzindo o que poderíamos chamar de paisagem ferroviária, nessa região da área urbana. É possível observar na paisagem urbana da zona norte resquícios deste passado ferroviário de Santa Maria, rugosidades materializadas na paisagem, como os galpões e oficinas, muitos deles abandonados, a estação ferroviária, o monumento ao ferroviário<sup>6</sup>, o estádio pertencente ao Riograndense Futebol Clube, cuja alcunha é “time dos ferroviários”.

Portanto, os bairros da zona norte de Santa Maria são ligados ao passado ferroviário da cidade, abrigando testemunhos materiais desta época, ou rugosidades como colocaria Santos (2006), como os próprios trilhos da ferrovia, os galpões abandonados, a estação, entre outras formas espaciais ligadas ao passado ferroviário desta região da cidade. Entretanto, a porção norte de Santa Maria, além de rugosidade ferroviária, é, também, um território da escassez, em termos de infraestruturas básicas, como atestamos em trabalho recente (SPODE, 2020), no qual população convive com privações de todas as ordens, principalmente na forma das moradias instaladas em áreas de risco à vida, como as margens de arroios, dos trilhos, ou nas encostas dos morros. As imagens da Figura 5 trazem aspectos dos bairros que compõem a região norte da área urbana de Santa Maria<sup>7</sup>, com as rugosidades ferroviárias presentes no local, cujo conteúdo socioespacial, no período atual, está relacionado a formas espaciais que concentram pobreza.

Os multiletramentos se associam à Geografia e, mais do que isso, evidenciam as diversas realidades socioespaciais possíveis nos lugares. Os multiletramentos, como uma pedagogia e uma filosofia que admite as diversidades de linguagens existentes, e assumindo os recursos do período atual, regido pelo meio técnico, científico e informacional, é um conceito que pode ser utilizado para se pensar os temas da Geografia escolar, a partir do contexto de vida do aluno, ou seja, o lugar. Isto é, a Geografia, e em especial, a Geografia escolar, carece articular a dimensão da linguagem, encarada como informação, pela

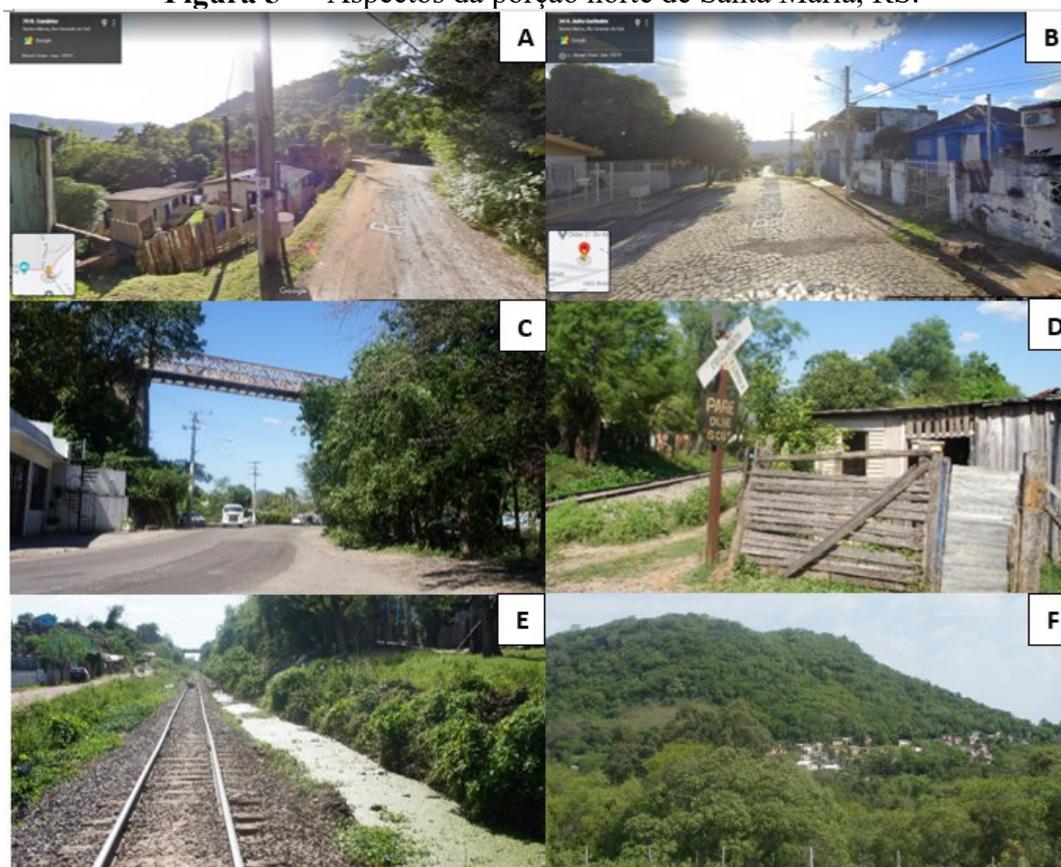
---

<sup>6</sup>Monumento construído em homenagem aos trabalhadores ligados ao serviço ferroviário brasileiro, foi inaugurado em 1934.

<sup>7</sup>Os bairros que compõem a porção norte de Santa Maria compõem as Regiões Administrativas Norte e Nordeste da cidade são: Carolina, Caturrita, Chácara das Flores, Divina Providência, Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, Salgado Filho, Campestre do Menino Deus, Itararé, Km3, Menino Jesus, Nossa Senhora das Dores e Presidente João Goulart.

sua importância na evolução humana, “[...] por ser a forma pela qual se identifica e reconhece a objetividade em seu derredor, através dos nomes já dados. Para alguns autores, o ato fundador é dar um nome e, por isso, é a partir do nome que produzimos o pensamento e não o contrário” (SANTOS, 2006, p. 42).

**Figura 5** – Aspectos da porção norte de Santa Maria, RS.



Fontes: Arquivos pessoais (2018, 2019). Google Earth. Legenda: A – Vila Canário, bairro Itararé; B – Rua Anita Garibaldi, bairro Itararé. C – Confluência dos bairros Salgado Filho, Carolina e Campestre do Menino Deus; D – Habitação na margem da estrada de ferro, bairro Salgado Filho. E – Estrada de ferro, bairro Salgado Filho; F – Residências em área de risco no Morro Cechella, bairro Itararé.

Portanto, a partir dos multiletramentos, os professores de Geografia e de outras disciplinas escolares podem articular os temas de acordo com outras racionalidades, que não as hegemônicas, mas ainda assim contidas nos currículos escolares. Além disso, a utilização dos multiletramentos, em relação ao conceito de lugar, suscitam a resistência dos lugares, como colocado na música de Renan Inquérito, dando vida e voz aos homens de baixo, revivendo o que declarava Milton Santos sobre o período popular da história. Como coloca Xavier (2005, p. 17), nas periferias das cidades “[...] são criadas racionalidades, que concebidas a partir do lugar se mostram capazes de propor uma inédita forma de existir (resistir) na cidade, muito mais inclusiva”.

## **5. Considerações Finais**

A reflexão aqui foi proposta remete a necessidade de aprofundar a relação entre o ensino de Geografia e o conceito de lugar, este encarado como uma categoria de análise social e, conseqüentemente, o entendimento dos multiletramentos como uma forma de pensar o espaço vivido dos estudantes e relacionar suas vivências com as discussões geográficas, seja em nível da Educação Básica, seja em nível de Graduação. Mais do que isso, destacamos a importância fundamental de pensar na Geografia em relação à trilogia “homem, linguagem e técnica”, ao qual, se refere Maria Adélia de Souza quando argumenta que “a cultura é o sistema simbólico que emerge dessa construção homem/linguagem/técnica” (SOUZA, 2021, p. 9).

Dessa forma, o lugar permite o ensino dos temas da Geografia, do raciocínio geográfico, desde o contexto socioespacial do aluno. Já os multiletramentos são uma pedagogia capaz de auxiliar neste processo, reconhecendo as múltiplas formas de linguagens existentes na sociedade e as utilizando para a prática social capaz de promover uma reflexão sobre a nossa intervenção no mundo e sobre a (auto)formação dos estudantes.

Sendo assim, é inegável a possibilidade de discussão e aprofundamento sobre a importância de pensar as linguagens nos estudos geográficos e, principalmente, se utilizar desta dimensão no ensino de Geografia, percebendo-as em sua interpelação com o lugar e para além da mera utilização como ilustração dos temas. Aqui, defendemos que a linguagem musical e literária são as problematizadoras do espaço e fomentadoras de reflexões que levem ao entendimento do lugar. A técnica, a ciência e a informação, dão a tônica do mundo atual e isso deve, imprescindivelmente, passar pela escola.

Por fim, merece atenção especial a questão de se pensar o espaço dos pobres da cidade, como construtores de cultura e, ao mesmo tempo construtores de política. É possível voltar as esperanças em uma outra globalização, do período popular da história, a partir da teoria e da prática social (socioespacial). Neste sentido, o texto traz um esboço teórico-prático das múltiplas possibilidades de interpelação multiletramentos, lugar e ensino de Geografia e propõem-se como um preâmbulo a esse debate, ainda tão pouco aprofundado e com tantas possibilidades de articulação no ensino de Geografia.

## **6. Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30ª ed., São Paulo: Ática, 1997.
- BATISTA, Natália Lampert; BECKER, Elsbeth Léia Spode; CASSOL, Roberto. Mapas híbridos e multimodais: em busca de multiletramentos na Cartografia Escolar. **PESQUISAR–Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, v. 5, n. 7, p. 19-35, 2018.
- BATISTA, Natália Lampert. **Cartografia escolar, multimodalidade e multiletramentos para o ensino de geografia na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. 2019.
- BATISTA, Natália Lampert; BECKER, Elsbeth Léia Spode; CASSOL, Roberto. Reflexões metodológicas sobre Cartografia Escolar, Multimodalidade e Multiletramentos com foco de análise na Educação Básica. **Caderno de Geografia**, v.29, n.59, p. 927-953, 2019a.
- BATISTA, Natália Lampert; BECKER, Elsbeth Léia Spode; CASSOL, Roberto. Multiletramentos e Multimodalidade na Cartografia Escolar para o Ensino de Geografia: considerações gerais. **Para Onde!?**, v. 12, n. 2, p. 01-10, 2019b.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em 21 de dez. 2021.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA. IPEA. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.
- GRACIOLI, Jéferson Muniz Alves. **Multiletramentos e leitura de mapas no ensino de Geografia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.
- KAHIL. Samira Peduti. Uso do território: uma questão política. In: Kahil, Samira Peduti (org.) et al. **O tamanho do Brasil: território de quem?** São Paulo: Editora Max Limonad, novembro, 2021.
- OLIVEIRA, Daniela Santana de; MELO, Jossandra Araújo Barreto de. A utilização do poema “Triste Partida” como recurso metodológico nas aulas de Geografia. **Anais III ENID**. Campina Grande: Editora Realize, 2013.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 74ª ed. - Rio, São Paulo: Record, 1998.
- ROJO, Roxane. Protótipos didáticos para os multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. Editora Companhia das Letras, 2013.

SANTOS, Milton. A Cidade e o Urbano como Espaço-Tempo. **Cidade & história: Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX.** UFBA - FAU/MAU. Salvador, 1992.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica, tempo, razão e emoção.** 4. ed. 2. reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo. Hucitec. 1996.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** 3. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo. Hucitec. 1978.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização.** São Paulo: Record, 2000.

SILVA, Gisele Menezes da Silva. **A cidade e o caos: Uma leitura do contemporâneo.** Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, M. A. A Cidade: Lugar e Geografia da Existência. In: Conferência foi elaborada para o **5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, em Salvador da Bahia, de 21 a 24 de outubro de 1997.

SOUZA, M. A. A.; DIAS, C. C. S.; PORTO, G. C. S. Geografia e cidadania em tempo de pandemia da COVID-19. In: SOUZA, M. A. A.; DIAS, C. C. S.; PORTO, G. C. S. **Análises geográficas sobre o território brasileiro: dilemas estruturais à Covid-19.** Alfenas: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2020.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Usos do território: soberania e liberdade. Fundamentos para discussão de um Projeto Nacional. In: Kahil, Samira Peduti (org.) et al. **O tamanho do Brasil: território de quem?** São Paulo: Editora Max Limonad, novembro, 2021.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Geografia e Planejamento: uma estratégia espaço tempo. Sociedade e Território – Natal. Vol. 33, N. 1, p. 7–30 Jan./Abr. de 2021.

SPODE, Pedro Leonardo Cezar. **Pobreza e privação social na área urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul: uma análise a partir dos usos do território.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Santa Maria, 2020.

XAVIER, Denise Prates. **Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo movimento Hip Hop.** Rio Claro: [s.n.], Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 2005.